

SÉRIE V . VOLUME 6/7

# O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA  
IMPRESA NACIONAL

LISBOA, 2016-2017

*In Memoriam*

Jeannette Nolen  
(1930-2016)



# Numa evocação de Jeannette Nolen – Arqueóloga e Senhora!

## In an evocation of Jeannette Nolen – Archaeologist and Lady!

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Houve oportunidade de salientar, nas páginas 12 a 19 do volume *Actas da Jornada Abel Viana (1896-1964) – Paixão pela Arqueologia*, publicado pela Fundação da Casa de Bragança (2016), sob a orientação de Maria de Jesus Monge, aspetos da vida e da personalidade de Jeannette Ulrica Smit Nolen, arqueóloga que tanto acarinhou, dos mais diversos modos, o Grupo de Amigos do Museu Nacional de Arqueologia.

Nesse texto me pareceu oportuno incluir os depoimentos de arqueólogos que tiveram ensejo de usufruir da sua companhia, do seu saber e sempre pronta colaboração. Referiu-se também a atividade arqueológica desenvolvida: nas campanhas luso-francesas de Conímbriga; na necrópole de Santo André (Montargil, Ponte de Sor); em S. Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira) e na *villa* do Monte da Cegonha (na Vidigueira também); e nas publicações que preparou.

Deu-se realce ao empenho com que, sistemática e denodadamente, se entregou ao estudo de materiais que há longo tempo esperavam por quem os fizesse sair da obscuridade em que jaziam – os vidros e cerâmicas das escavações levadas a efeito por Estácio da Veiga em Torre de Ares (onde se localizou a cidade romana de *Balsa*), por exemplo – e, de modo particular, o indefetível entusiasmo, não desprovido de abnegado espírito de serviço, com que se dedicou, durante muito tempo, à inventariação do variado espólio guardado no castelo de Vila Viçosa, da Fundação da Casa de Bragança, proveniente da atividade arqueológica desenvolvida por Abel Viana nos úberes sítios de ocupação romana – e não só! – dos arredores da vila. A inserção de um *in memoriam* no atrás citado volume de atas visou mui justamente associar Jeannette Nolen ao incansável labor desse pioneiro da Arqueologia alentejana. O nome de Jeannette Nolen fica, pois, indelevelmente ligado à reestruturação e conseqüente abertura museológica ao público desse muito significativo acervo.

Injusto seria não relevar o indesmentível carinho que o casal Nolen dedicou ao Museu Nacional de Arqueologia. Gostosamente acedeu Jeannette Nolen a exercer funções de direção do respetivo Grupo de Amigos, quando ele foi criado, não porque esse cargo lhe viesse a conceder regalias, prestígio ou notoriedade,

mas porque, mais uma vez, o encarou como serviço à comunidade arqueológica portuguesa, em que de bom grado se inseria. Sabia que, assim, poderia mais facilmente – e mais discretamente, diga-se – SERVIR a causa que abraçara. Foi vice-presidente desde a fundação do GAMNA e presidente entre 2004 e a data em que faleceu.

Intui-se do que ora escrevi não se haver limitado a sua ação a mera e exemplar atividade científica, alicerçada na vasta experiência internacional, de que, aliás, nunca fez alarde. Nesse aspeto, teve o Dr. Luís Raposo a gentileza de me dar dois exemplos dessa vontade de servir:

«Durante vários anos, a atualização da biblioteca do MNA foi essencialmente feita através de verbas, de vários milhares de euros anuais, que ela colocava à nossa disposição, sem qualquer requisito que não fosse o de as listas de compras resultarem de pedidos feitos pelos leitores e pelos nossos técnicos, documentados depois em listas que deveriam (e eram) divulgadas publicamente; nunca ninguém soube quem era o nosso mecenas: pois era ela.»

Em situações de maior crise, na defesa daquilo que o diretor do MNA e a direção do GAMNA entendiam ser os interesses do Museu, aí estava ela sempre, com a sua presença solidária e, mais do que isso, com a disposição de ajudar a suportar, ou até pagar por inteiro, os custos a que porventura houvesse lugar, inclusive em sede judicial. De facto, tendo eu dela a imagem de alguém discreto, avesso a «batalhas», ela conseguiu um dia surpreender-me ao dizer que gostava imenso de Portugal, mas achava que os portugueses eram demasiado acomodados, não lutavam como deviam por aquilo em que acreditavam e por isso nos saudava e apoiava em tudo o que fosse preciso.

Gestos concretos de mui benemerente apoio, individual e institucional, mantidos também eles em segredo, atitude que, de resto, ficou bem patente no facto de só tardiamente se ter conhecido a doação da sua casa de Janes, um ícone na arquitetura portuguesa contemporânea, à Associação de Defesa do Património de Mértola, quando o casal se apercebeu das iniciativas promovidas por aquela instituição não apenas na defesa e valorização do património físico, palpável, consubstanciado nas suas vertentes arqueológica, arquitetónica e ambiental, mas também na promoção e reabilitação de comunidades dos países de língua oficial portuguesa, como Moçambique e Cabo Verde. Dava a mão direita; mas a esquerda desconhecia a dádiva; e os beneficiários desconheciam a quem pertenciam ambas as mãos!...

Dos muitos aspetos em que, para mim, o casal Nolen foi exemplar, há, porém, um que não posso deixar de frisar. Que me seja perdoada essa referência, devida, naturalmente, à circunstância de também eu já me encontrar na chamada terceira idade e ser, por tal motivo, a isso mais sensível. Para mim, embora com eles haja privado durante mais de três décadas, os Nolen sempre estiveram nessa fase da

vida. Erro meu – claro! – mas sabemos bem como varia, no decorrer da nossa efêmera existência, o prisma através do qual encaramos os que têm mais idade do que nós. William já se aposentara há tempos do seu magistério na Faculdade de Letras de Lisboa; Nettie era a Senhora que governava a casa, que superintendia, com o marido, nas lides da horta e do jardim; que saía, a horas mais ou menos fixas, para o pinhal a passear os cães. Frequentavam ambos com assiduidade os concertos da Gulbenkian, que faziam questão em não perder. Recebiam – e sabiam receber! – o estreito núcleo de amigos, mormente da «colônia» estrangeira como eles radicada no acolhedor recanto verdejante de Janes com aquele inesquecível horizonte para o Oceano sem fim... Por conseguinte, uma existência sem horários nem obrigações pautadas pelo ponteiro do relógio.

Escolheu a Santa Casa da Misericórdia de Cascais para a sua Residência Sênior de Alcoitão, o termo **envelheser**, pitoresca forma de vincar a necessidade de o envelhecimento ser encarado não como um fim mas como uma oportunidade mais para desenvolvermos as nossas potencialidades e... **sermos**, ou seja, vivermos em plenitude o nosso dia-a-dia. E o vocábulo **envelheser**, nessa sua aparentemente estranha grafia, enquadra-se cabalmente no que foi a vida do casal Nolen. Meticulosamente, William lia diariamente e anotava os dados da pequena «estação meteorológica» instalada na propriedade, de modo que sabia dizer-me com rigor qual fora o dia mais quente do verão dos últimos 30 anos, o mais frio ou mais chuvoso do inverno, o ano em que houvera maior amplitude térmica...

Jeannette vinha ter uma reunião comigo; habitualmente, William ficava no carro (amiúde, o Volkswagen de primeira geração, diria eu, que religiosamente mantinham para as pequenas voltas quotidianas) e lia, lia... enquanto esperava por ela. Estava, pois, sempre a par das novidades e delas se fazia eco, por exemplo, na correspondência que meticulosamente mantinha com amigos, familiares e antigos colegas. Cartas que não eram de simples protocolo, mas eivadas, mui frequentemente, de considerações filosóficas e existenciais – e eu apenas o soube porque, num serão, em Coimbra, um dos nossos amigos comuns, meu colega na Faculdade, mo revelou.

Nunca o casal Nolen falou comigo de questões religiosas ou políticas. Suspeitava eu que perfilhariam uma confissão religiosa, nunca soube qual nem jamais ousei perguntar-lhes. Também teriam as suas opções políticas; nunca, no entanto, soube quais. Confidenciou-me Jeannette Nolen, após a morte do marido, que eu deveria ler as reflexões que ele, durante a vida, fora passando à mão para os inúmeros cadernos cuidadosamente alinhados na estante. Redigidos em holandês, suponho, Nettie achou por bem inutilizá-los mais tarde, naquela atitude de recatada reserva de uma existência serena e bem vivida.

Um «exemplo» – é o termo que me ocorre em jeito de conclusão de um testemunho evocativo. Exemplo de vida familiar, em que a ausência de filhos não

enjeitou a entrega incondicional a outras filiações. Exemplo de mui sadio envelhecimento e de organização de vida. Recordarei sempre o facto de, arrumadas as decorações natalícias, Jeannette anotar de imediato na agenda do ano seguinte o que se estragara e era, por isso, necessário substituir. Admiravam-se os caseiros como é que ela, mesmo antes de ir às gavetas, já sabia o que precisava de comprar para o Natal – e o segredo estava aí, no modo singelo de, com elevado espírito prático, ser organizada!

Perdoar-se-me-á se deixei de lado a Arqueóloga, a investigadora incansável, a Mestra que foi sem oficialmente o querer ser. É que a sua dimensão humana obnubilou todas as outras. Ou melhor, todas as outras que inevitavelmente envolveu!